

A SÍNTESE DO IOGA

Sri Aurobindo

30 – A Natureza da Supramente (II)

12.03.23

(Parte IV – Capítulo XIX)

- A Aventura da Consciência e da Alegria -

Ciclo de Estudos da CASA Sri Aurobindo

2020 - 2023

1

Supramente, ou gnose, é a inteligência que organiza sua própria manifestação, infinita em si mesma, mas livremente organizando e auto-determinadamente orgânica em sua auto-criação e em seus trabalhos.

- A natureza fundamental da supramente é que todo seu conhecimento é originalmente um conhecimento por identidade e unidade. O Espírito é um em toda parte e conhece todas as coisas como si próprio e em si próprio.
- O segundo caráter da supramente suprema é que seu conhecimento é uma realidade porque é um conhecimento total. Ela conhece o Espírito e Verdade, e o inteiro sentido da expressão (manifestação) universal.
- Uma terceira característica da supramente é que ela é diretamente consciente-da-verdade, um poder divino de imediato, inerente e espontâneo conhecimento, não dependendo de indicações ou passos lógicos, ou outros.

O homem vive em uma consciência mental,
entre um vasto subconsciente
– que é uma consciência obscura para sua visão –
e um supraconsciente ainda mais vasto,
que ele está inclinado a tomar por uma outra inconsciência,
porém luminosa,
porque sua ideia de consciência
está confinada ao meio termo
de suas próprias sensações mentais
e de sua inteligência.

É nessa supraconsciência luminosa
que se encontram
as extensões da supramente
e do espírito.

3

Ademais, porque age e cria mas também conhece,
a supramente é não só uma consciência-verdade direta,
mas uma vontade-verdade iluminada, direta e espontânea.

Na vontade do espírito, conhecedor de si mesmo,
não há e não pode haver contradição alguma,
nem divisão e diferença entre sua vontade e seu conhecimento.

A vontade espiritual é tapas,
ou força iluminada do ser consciente do espírito
que efetua de modo infalível aquilo que está dentro dele mesmo,
e é essa operação infalível das coisas agindo conforme sua própria natureza,
de uma energia que produz resultados e eventos conforme a força dentro dela,
de uma ação que produz resultados e acontecimentos
inerentes ao seu próprio caráter e à sua intenção,
que chamamos por nomes diversos, segundo seus diferentes aspectos:
a lei da Natureza, Carma, Determinismo, Fatalidade.

4

Para a mente, tudo isso é
a operação de um poder externo a ela ou acima dela
na qual ela está envolvida,
e sua intervenção limita-se a um esforço pessoal e cooperante
que às vezes surge e é bem-sucedido
e às vezes falha e tropeça;
e mesmo quando é bem-sucedido,
é amplamente dominado por questões diferentes de suas intenções
ou, em todo caso,
maiores em seu alcance
e mais vastas do que as suas próprias intenções.
A vontade do ser humano opera na ignorância
e usa uma luz parcial
ou, na maioria das vezes, bruxuleante,
que engana tanto quanto aclara.

5

Sua mente é uma ignorância
que se esforça para erigir normas de conhecimento;
sua vontade uma ignorância
que se esforça para erigir normas de justiça;
como resultado,
sua inteira mentalidade é muito parecida
com uma casa dividida contra si mesma,
cada ideia em conflito com a outra ideia,
a vontade com frequência em conflito com o ideal do justo
ou com o conhecimento intelectual.
A própria vontade assume formas diferentes:
a vontade da inteligência, os anelos da mente emocional,
os desejos e a paixão do ser vital,
os impulsos e as compulsões cegas ou semicegas
da natureza nervosa e subconsciente;

6

tudo isso não constitui,
de modo algum,
uma harmonia,
mas, no melhor dos casos,
uma concórdia precária
em meio a discórdias.

A vontade da mente e da vida
é um tateio tropeçante
em busca da força justa,
do Tapas justo,
que só podem ser obtidos,
em sua luz e direção
verdadeiras e completas,
pela unidade
com o ser espiritual e supramental.

7

A natureza supramental, ao contrário, é justa, harmoniosa e una;
nela, a vontade e o conhecimento
são a pura luz do espírito e o poder do espírito
– o poder dando corpo à luz, a luz iluminando o poder.

Na supramentalidade mais alta
eles são fundidos um no outro intimamente
e nem mesmo emanam um do outro,
mas são um só movimento,
a vontade que ilumina a si mesma,
o conhecimento que cumpre a si mesmo,
ambos juntos como um único jorro do ser.

A mente conhece apenas o presente
e vive em um movimento isolado do presente,
embora tente lembrar-se do passado e retê-lo,
e prever o futuro e forçá-lo.

8

A supramente tem a visão dos três tempos,
trikaladrsti;

ela os vê como um movimento indivisível
e vê também em cada um, os outros dois.

Ela percebe todas as tendências, energias e forças
como um jogo diverso da unidade
e conhece suas relações recíprocas
no movimento único do espírito que é uno.

A vontade e ação supramentais são, portanto,
a vontade e ação da verdade do espírito
que cumpre a si mesmo de maneira espontânea,
o movimento justo de um conhecimento direto e total
e, em seu grau mais alto,
seu movimento infalível.

9

A supramente suprema e universal é a Luz ativa,
o Tapas do Self supremo e universal
em seu aspecto de Senhor e Criador,
aquilo que no loga aprendemos a conhecer como
a Sabedoria e o Poder divinos,
o conhecimento e a vontade eternos do *Ishwara*.

Nos planos superiores do Ser,
onde tudo é conhecido
e tudo se manifesta como
existências da Existência única,
como consciências da Consciência única,
como criações de deleite da Ananda única,
como inumeráveis verdades e poderes da Verdade única,
o conhecimento espiritual e supramental do Ser está intacto
e manifestado de maneira integral.

10

E nos planos correspondentes de nosso ser
o Jiva compartilha dessa natureza espiritual e supramental
e vive em sua luz,
em seu poder
e em sua beatitude.

À medida que descemos
e nos aproximamos daquilo que somos nesse mundo,
a presença e a ação desse autoconhecimento se restringem,
mas mantêm sempre a essência e o caráter,
quando não a completude,
da natureza supramental
e sua maneira de conhecer, querer e agir,
porque esse conhecimento
ainda vive na essência
e no corpo do espírito.

11

A mente, quando traçamos a descida do self
em direção à matéria,
nos aparece como uma derivação
que se afasta da completude do self,
da completude de sua luz e de seu ser
e vive em uma divisão e um desvio,
não no corpo do sol mas, primeiro,
em seus raios mais próximos
e, depois, nos mais distantes.

Temos uma mente intuitiva, muito acima,
que recebe de maneira mais próxima
a verdade supramental,
mas mesmo isso é uma formação
que dissimula o verdadeiro conhecimento
direto e mais vasto.

12

Temos uma mente intelectual
 que é como uma tampa luminosa, semiopaca,
 que intercepta a verdade assim como a conhece a supramente
 e a reflete em uma atmosfera que
 a deforma ao irradiá-la e a altera ao encobri-la.

Ainda mais baixo,
 temos uma mente que se edificou no alicerce dos sentidos;
 entre ela e o sol do conhecimento há uma nuvem espessa,
 uma neblina e um vapor emocionais e sensoriais,
 com aqui e ali alguns lampejos e iluminações.

Temos uma mente vital que está fechada
 mesmo à luz da verdade intelectual
 e, mais baixo ainda, na vida e na matéria submentais,
 o espírito se involui por completo,
 como em um sono e uma noite,

13

um sono mergulhado em um sonho
 sombrio e nervoso, mas pungente:
 a noite de uma energia mecânica e sonâmbula.

É uma re-evolução do espírito
 a partir desse estado mais baixo;
 nós nos situamos a certa altura acima da criação inferior,
 após ter assimilado todos os graus inferiores,
 mas, até o momento, em nossa ascensão,
 apenas alcançamos a luz da razão mental bem desenvolvida.

Os poderes completos do autoconhecimento
 e da vontade iluminada do espírito
 estão ainda além de nosso alcance,
 acima da mente e da razão,
 na Natureza supramental.

14

Se o espírito está em toda parte, mesmo na matéria
 – de fato, a própria matéria é apenas uma forma obscura do espírito –
 e se a supramente é o poder universal
 do Conhecimento onipresente do espírito
 que organiza toda a manifestação do ser,
 então, na matéria, e em toda parte,
 a ação supramental deve estar presente
 e, por mais disfarçada que possa estar
 por outras operações
 de um gênero inferior e mais obscuro,
 perceberemos no entanto,
 ao olhar de perto,
 que, na verdade,
 é a supramente que organiza
 a matéria, a vida, a mente e a razão.

15

E essa é a realidade do conhecimento
 em direção ao qual nos encaminhamos agora.

Há mesmo certas ações da consciência,
 familiares e de todo visíveis,
 persistentes na vida, na matéria e na mente,
 que são claramente operações supramentais,
 sujeitas ao caráter
 e às necessidades
 dos meios inferiores;

a elas damos agora o nome de intuição,
 a partir de suas características mais evidentes
 de visão direta e de conhecimento espontâneo

– de fato, uma visão que nasce
 de certa identidade secreta
 com o objeto do conhecimento.

16

Contudo, o que chamamos intuição é apenas uma indicação parcial da presença da supramente e, se tomarmos essa presença e esse poder em suas características mais amplas, veremos que essa é uma força supramental disfarçada, com um autoconhecimento consciente, que anima todas as operações da energia material.

É essa força que determina aquilo que chamamos leis da natureza, é ela que mantém o modo de funcionar de cada coisa conforme sua natureza própria, é ela que harmoniza e faz evoluir o todo, que de outro modo seria uma criação fortuita pronta a desabar no caos a qualquer momento.

17

Pelas necessidades de seus processos, as leis da Natureza apresentam um mecanismo preciso; e portanto, essas próprias necessidades, a constância de seu método, a constância de sua organização, de suas combinações, de sua adaptação e de seus resultados, as tornam inexplicáveis e nos colocam, a cada passo, diante de um mistério e de um milagre:

e isso porque, seja porque elas são irracionais e acidentais mesmo em suas regularidades, seja porque são suprarracionais, e sua verdade pertence a um princípio superior ao da nossa inteligência.

18

Esse princípio é o supramental, isto é,
o segredo escondido da Natureza
é a organização de algo
que vem das potencialidades infinitas
da verdade autoexistente do espírito,
e a natureza desse “algo”
só é plenamente evidente
para um conhecimento original
nascido de uma identidade fundamental
e que procede por identidade,
pois essa é a percepção constante do espírito.

Todas as ações da vida
também apresentam esse caráter,
assim como todas as ações da mente e da razão –

19

– a razão, que é a primeira a perceber em toda parte
a ação de uma razão e de uma lei de ser mais vastas,
que ela tenta traduzir por suas próprias estruturas conceituais,
embora nem sempre perceba que
esse “algo” que trabalha é outro,
e não uma Inteligência mental,
não um Logos intelectual.

Todos esses processos são, na verdade,
espirituais e supramentais em seu governo secreto,
mas são mentais, vitais e físicos
em seus processos visíveis.

20

A matéria, a vida e a mente exteriores
 não são possuidoras nem mestras dessa ação oculta da supramente,
 mesmo enquanto possuídas e compelidas
 pelas determinações que ela impõe às operações delas.

Há aquilo que somos algumas vezes levados a chamar
 uma inteligência e uma vontade,
 que age na força material e no átomo
 – embora essas palavras soem falsas,
 porque, na realidade,
 essa não é a mesma coisa que nossa vontade e nossa inteligência;

digamos, antes, que
 uma intuição velada de autoexistência age neles
 – mas o átomo e a força não percebem isso,
 e são apenas um corpo obscuro de matéria e poder
 criado pelo primeiro esforço dessa intuição para manifestar-se.

21

A presença dessa intuição torna-se
 mais evidente para nós em todas as operações da vida
 porque isso é mais próximo de nossa própria escala.

E à medida que a vida desenvolve e manifesta sensações,
 desenvolve e manifesta uma mente como na criação animal,
 podemos falar com mais segurança de uma intuição vital
 por trás das operações da vida,
 intuição que emerge com clareza na mente do animal
 em forma de instinto

– instinto,
 um conhecimento automático implantado no animal,
 seguro, direto, autoexistente, guiado por si mesmo,
 o que significa, em alguma parte em seu ser,
 o conhecimento preciso do propósito,
 das relações e da coisa ou do objeto.

22

Essa intuição opera na força de vida e na mente,
contudo, a vida e a mente de superfície
não são mestras nem possuidoras dela,
elas são incapazes de dizer o que ela faz, de dirigi-la,
de aumentar seu poder à vontade
ou segundo seu prazer.

Aqui, observamos duas coisas:
primeiro, que a intuição manifestada
atua apenas para necessidades e propósitos limitados,
e para o resto das operações da natureza
o modo de funcionar é duplo:
um, incerto e ignorante,
que vem da consciência de superfície
e outro, subliminar,
que implica uma direção subconsciente secreta.

23

A consciência de superfície tateia e busca,
e esse tatear aumenta em vez de diminuir,
à medida que a vida se eleva na escala
e amplia o escopo de seus poderes conscientes;
mas o self secreto dentro,
apesar da mente vital tateante,
assegura a ação da natureza
e os resultados necessários para os propósitos,
as necessidades
e o destino do ser.

Isso continua,
em uma escala cada vez mais elevada,
até a razão
e a inteligência humanas.

24

No ser humano também se encontram inúmeros instintos e intuições:
físicos, vitais, emocionais, psíquicos e dinâmicos,
mas ele não confia neles como o animal confia

– embora no ser humano eles possam ter um campo de ação
muito mais amplo e efeitos mais consideráveis
do que no animal e na criação inferior,
devido ao seu desenvolvimento evolutivo atual maior,
e à potencialidade ainda maior do desenvolvimento de seu ser.

Ele os reprimiu e descontinuou seu modo de funcionar,
completo e visível,
por atrofia

– não que essas capacidades tenham sido destruídas,
mas, antes, foram retidas
ou empurradas de volta à consciência subliminar –

25

– e, por consequência,
essa parte inferior do ser humano
é muito menos segura de si mesma,
muito menos confiante nas diretivas de sua natureza,
muito mais tateante, errante e falível em seu escopo
mais amplo do que o animal em seus limites mais estreitos.

Isso acontece porque
o dharma verdadeiro do ser humano, a lei do seu ser,
é buscar uma existência consciente mais vasta,
uma automanifestação não mais obscura
e governada por uma necessidade incompreendida,
mas iluminada, cônica daquilo que se expressa
e capaz de dar a essa expressão
uma forma mais completa
e mais perfeita.

26

E no final, em sua culminação,
o indivíduo deve identificar-se
com seu self verdadeiro e superior
e agir, ou melhor, deixá-lo agir
(pois a existência natural do ser humano
é uma forma instrumental de expressão do espírito)
em sua vontade
e em seu conhecimento
espontâneos e perfeitos.

Seu primeiro instrumento para essa transição
é a razão e a vontade da inteligência racional;
à medida que elas se desenvolvem,
ele é levado a depender delas
para conhecer e guiar-se
e a dar-lhes o controle das outras partes de seu ser.

27

E se a razão fosse a coisa mais alta
ou o meio supremo,
perfeitamente suficiente,
do self e do espírito
ele poderia, com a ajuda dela,
conhecer perfeitamente e guiar perfeitamente
todos os movimentos de sua natureza.

Isso ele não poderá fazer de maneira completa,
porque seu self é algo de mais vasto que sua razão
e se ele se limitar pela vontade e inteligência racionais,
imporá uma restrição arbitrária
– em extensão e em natureza –
ao seu desenvolvimento, à sua expressão,
ao seu conhecimento, à sua ação,
à sua Ananda.

28

As outras partes de seu ser também querem
 uma expressão completa na amplitude e na perfeição do self
 e não poderão obtê-la
 se seu tipo de expressão for mudado pela razão,
 sua ação talhada, recortada, modelada
 de maneira arbitrária e mecanizada
 pelo mecanismo inflexível da inteligência racional.

A divindade da razão, o Logos intelectual,
 é apenas uma representação parcial,
 um substituto do Logos supramental superior,
 e sua função é impor um conhecimento e uma ordem
 preliminares e parciais à vida da criatura,
 mas a ordem verdadeira, a ordem final e integral
 só poderá ser estabelecida
 pelo emergir da supramente espiritual.

29

Na natureza inferior a supramente está presente
 de maneira mais forte como intuição
 e, portanto, é pelo desenvolvimento de uma mente intuitiva
 que poderemos dar o primeiro passo
 em direção ao conhecimento supramental
 espontâneo, direto e autoexistente.

A natureza humana – física, vital, emocional, psíquica e dinâmica –
 apodera-se na superfície de sugestões
 que surgem do ser em si subliminar e intuitivo
 que corresponde a essas partes,
 e ela busca
 – em geral às apalpadelas
 e na maioria das vezes de maneira tortuosa –
 incorporá-las na ação por algum poder superficial da natureza
 que não é abertamente iluminado
 pelo poder e conhecimento interiores.

30

Uma mente cada vez mais intuitiva
tem as melhores chances de descobrir
aquilo que essas partes buscam
e conduzi-las à perfeição desejada de sua expressão própria.

A própria razão é apenas um tipo especial de aplicação,
feita por uma inteligência de superfície reguladora,
e de sugestões que, na realidade,
vêm de um poder dissimulado do espírito intuitivo,
que, algumas vezes, é em parte evidente e ativo.

Há, em todas as operações da razão, no ponto de origem,
coberto ou semicoberto,
algo que não é criação da razão, mas é dado à razão,
quer de maneira direta pela intuição,
quer de maneira indireta por outra parte da mente,
a fim de que a razão lhe dê uma forma e um processo intelectuais.

31

O critério racional e suas decisões
e o processo mecânico da inteligência lógica,
seja em suas operações mais sumárias,
seja naquelas mais desenvolvidas,
escondem, enquanto as desenvolve,
a origem verdadeira
e a substância nativa de nossa vontade
e de nosso pensamento.

As mentes mais vastas
são aquelas em que esse véu se torna mais fino
e cujo pensamento é, na maior parte, intuitivo,
embora muitas vezes, mas não sempre,
seja acompanhado
de uma grande exposição de atividade intelectual.

32

A inteligência intuitiva, contudo,
nunca é inteiramente pura e completa
na mente humana atual,
porque ela trabalha no meio mental
e logo é pega e recoberta
com uma mistura de substância mental.

Ela ainda não está solta,
nem desenvolvida, nem aperfeiçoada
para bastar a todas as operações cumpridas agora
por outros instrumentos mentais,
nem treinada para assumi-los
e mudá-los ou substituí-los
por suas próprias operações,
mais completas, mais diretas,
seguras e suficientes.

33

De fato,
isso só pode ser feito
se empregarmos a mente intuitiva
como um meio de transição,
para trazer para fora
a própria supramente secreta
da qual ela é uma representação mental,
e para formar em nossa consciência frontal
um corpo e um instrumento da supramente,
que permitirão ao self e espírito
mostrar-se em sua amplitude e
esplendor próprios.

34

Deve ser lembrado que há sempre uma diferença entre
a Supramente suprema do Ishwara
onisciente e onipotente
e aquilo que pode ser alcançado pelo Jiva.

O ser humano está se elevando para sair da ignorância
e quando alcançar a natureza supramental
encontrará nela os graus de sua ascensão,
e deverá, primeiro,
formar os graus inferiores,
os passos limitados,
antes de elevar-se a cumes mais altos.

Aí, ele fruirá de maneira plena
da luz, do poder, da Ananda essenciais
do self infinito
pela unidade com o Espírito;

35

mas na expressão dinâmica,
o Jiva deve determinar-se
e individualizar-se
segundo a natureza da expressão particular
que o Espírito transcendente e universal
busca nele.

É a realização de Deus
e a expressão de Deus
que são o objeto de nosso loga
e, mais especificamente,
de seu aspecto dinâmico;

é uma expressão divina do Ishwara em nós,
mas nas condições da humanidade
e mediante a natureza humana divinizada.

36